

A PAISAGEM URBANA COMO ESTRATÉGIA DE GOVERNANÇA DE CIDADES SUSTENTÁVEIS

S. A. M. G. Pina e E. Z. Monteiro

RESUMO

O artigo discute uma experiência didática realizada com arquitetos-urbanistas no contexto da metrópole de Campinas/SP, Brasil. A experiência teve o objetivo de aguçar a consciência crítica sobre o processo de produção do ambiente construído e do papel do arquiteto-urbanista na construção da paisagem urbana contemporânea. Num primeiro momento foi realizada análise detalhada de território e paisagem atuais a partir dos conceitos discutidos por Solá-Morales (2002). No momento seguinte, o exercício se voltou para visões futuras, em duas linhas temporais paralelas com horizonte de 2050, a perdurarem ou não as tendências identificadas na análise anterior. A importância da paisagem urbana no âmbito das ações possíveis a qualifica como estratégia para a concepção e desenvolvimento de quadro de suporte à tomada de decisão. Através dessa estratégia é possível melhorar a governança urbana, auxiliando os cidadãos na construção de ambientes urbanos sustentáveis que encorajem a integração social e melhoria da qualidade de vida.

1 INTRODUÇÃO

O advento do Planejamento Urbano como escopo multidisciplinar, consolidado ao longo de todo o século XX, foi marcado pela maciça participação dos arquitetos-urbanistas. Embora não fosse nova, a presença desses profissionais trazia a possibilidade de utilização de escalas e métodos gráficos que se afastavam do olhar macro da geografia ou da abordagem físico-funcional dos engenheiros. Supunha-se garantida nas práticas urbanas analíticas e propositivas, uma preocupação do espaço enquanto ambiente humano, em escalas espaço-temporais ligadas ao cotidiano dos cidadãos e impregnadas de soluções urbanisticamente inovadoras e belas. Era de se esperar que a participação dos arquitetos-urbanistas nas equipes de planejamento vertesse parte da tradição que produzira lugares e paisagens tão ricos e interessantes tais como os descritos por Calvino (1990) em seu “Cidades Invisíveis”. Descrições que, embora fictícias, em sua riqueza não fazem par ao enorme legado de lugares e paisagens reais tecidos pelo homem por todo o planeta. Entretanto, para dar conta da nova escala das aglomerações urbanas e da complexidade de suas estruturas físico-funcionais, o Planejamento Urbano tendeu prioritariamente para a escala da cidade e da região estudadas pela geografia em detrimento da escala do ser humano e de seu ambiente, deixada para o desenho urbano, para o paisagismo e para as ciências sociais. Segundo Lamas (2007), essa tendência marcou muito o período que ele denomina “urbanismo operacional”, que se seguiu à banalização dos princípios

modernistas, e gerou planos de massas geometrizados e funcionalistas descuidados do ponto de vista do ambiente e da paisagem. Diversos autores, entretanto, apontam a reviravolta ocorrida nessa tendência, nas últimas décadas do século XX, não apenas através das correntes contextualistas (ROWE, 1981; VENTURI, 1977; ROSSI, 1971) ou da ecologia da paisagem e paisagismo crítico (NDUBSI, 1997; LAURIE, 1997; MAGNOLI, 2006), mas também da crítica à cidade contemporânea e pós-contemporânea, a cidade-global (SASSEN, 2001; SOLÀ-MORALES, 2002; ARANTES, 2001). À parte às polêmicas que se seguiram, relativo à crise das cidades e do próprio urbanismo, e que envolveram os diversos campos do conhecimento que estudam os fenômenos urbanos, é possível identificar certo distanciamento de arquitetos-urbanistas do estudo da paisagem urbana, ou ainda, de um projeto para a cidade (SECCHI, 2006, p. 169). A paisagem das cidades globais surge como um *cluster* de ações territoriais viciadas e baseadas no saldo dos modelos espaciais impostos pelo capital e as reatividades improvisadas, como chamados por Santos (1996) de lugares luminosos e opacos. A ausência de um seu projeto, como apontada por Secchi (2006), denota o distanciamento dos arquitetos-urbanistas de um ofício que é por excelência o seu, cuja matéria-prima é o espaço e o território e cuja face visível é a paisagem. Longe de serem os responsáveis pela construção da cidade e de sua paisagem, arquitetos-urbanistas são, no entanto, leitores e divulgadores, capazes de traduzir, na linguagem da própria paisagem, as possibilidades inúmeras do território. Soma-se a esta tarefa, o desafio estratégico de fazer das cidades contemporâneas lugares sustentáveis: cerca de 2/3 do consumo mundial de energia se dá nas cidades e aproximadamente 75% de todos os resíduos gerados ocorrem nas cidades. Portanto, falar em mudança climática, aquecimento global e sustentabilidade é falar de cidades sustentáveis (ISPS, 2010). É preciso salientar, porém, que a sustentabilidade de uma cidade viva não é apenas ambiental e econômica; é especialmente social, urbana e cultural. Para tanto, devem ser valorizados e aprofundados os aspectos ligados à humanização do habitar, na substituição de espaços degradados por partes de cidade revitalizadas, nos espaços onde o pedestre é a figura central, numa bem evidenciada integração paisagística e numa afirmada integração do verde urbano. Ou seja, é necessário investir e fomentar uma qualidade positiva do desenho de arquitetura urbana associada e sensível aos valores humanos.

Uma das vozes tradutoras da paisagem urbana contemporânea é Solà-Morales (2002), através das suas cinco categorias: *habitaciones, mutaciones, contenedores, flujos e terrain-vague* (Figura 1). As suas categorias, mais do que fazer um contraponto aos conhecidos cinco elementos de Kevin Lynch (1960) permitem excelente porta de entrada ao estudo da cidade-global: emergem como cinco dimensões catalisadoras das principais dinâmicas ou resistências de seu território, visíveis em sua paisagem. Assumindo-se o conceito de cidade sustentável como uma cidade que dispõe de um projeto para o seu futuro - projeto esse de características simbióticas com o ambiente e comunidade, não-predatório, trabalha-se com a possibilidade de utilização das categorias de Solà-Morales na instrumentação desse projeto, ao mesmo tempo em que é levantada a hipótese de que os arquitetos-urbanistas brasileiros da atual geração carecem de outros procedimentos metodológicos para essa empreitada.



Figura 1. Esquema representando as cinco categorias de Solà-Morales. Produzido especialmente para a aula em que foi realizado o exercício

2 METODOLOGIA

A experiência didática foi realizada com uma turma de vinte e oito alunos na sua maioria arquitetos-urbanistas, do curso de pós-graduação na área de concentração de Arquitetura e Construção da Universidade Estadual de Campinas/SP. Inicialmente foram estudados e debatidos os conceitos e teorias que têm fundamentado as ações e planos urbanos na cidade nos últimos anos. Os conceitos de Solà-Morales (2002) foram então introduzidos e apresentados a partir de exemplos de paisagem urbana de cidades brasileiras e internacionais. A cidade de Campinas/SP/Brasil foi escolhida como objeto de estudo. Para permitir a compreensão detalhada da cidade, seu território foi dividido em sete quadrantes (quadrados de aprox. 7,5km x 7,5km), desenhados a partir do mapa do plano diretor atual da cidade (2006) que contém a divisão em macrozonas de planejamento vigente (Figura 2). A divisão em quadrantes tinha o objetivo de separar uma porção equitativa do território a ser trabalhada por cada equipe de alunos e que permitisse um recorte da paisagem suficientemente coeso e diversificado ao mesmo tempo. Cada quadrante encerrava trechos da cidade correspondentes a no mínimo duas macrozonas diferentes, embora alguns deles fossem caracterizados por uma paisagem cuja imagem e identidade eram vigorosas, enquanto que em outros elas eram mais fragmentada e disforme. A dimensão de cada quadrante (56 km²) pressupunha também a fragmentação existente da paisagem metropolitana de Campinas como um todo e a impossibilidade de tratá-la como um todo unitário, característica das cidades menores ou das cidades pré-industriais.

Como base conceitual para a atividade foi introduzida a noção de visão antecipada como uma forma de abordagem metodológica inserida em um processo de pesquisa e planejamento urbanos, com o termo “visão” em um sentido literal, como apontada por Shipley e Newkirk (1998), e distante da utilização do termo de forma superficial e efêmera (MCCANN, 2001; SHIPLEY, 2002). A proposta foi então formulada solicitando-se às equipes que se detivessem em dois tipos de visão: uma visão do presente, na qual buscariam na paisagem identificar as categorias de Solà-Morales, procedendo uma análise de seu território à luz dos fenômenos metropolitanos e globais e uma visão antecipada de futuro, na qual a equipe era instigada a simular uma linha temporal até o ano de 2050, aproximadamente quarenta anos à frente do tempo atual. A visão do presente deveria ser apresentada em forma de uma aula, com a possibilidade de uso de slides projetados. Já

para a visão antecipada do futuro, solicitou-se a confecção de poster em papel para apresentação e discussão. Entretanto, excetuando-se essas diretrizes iniciais, com objetivo pautado na análise da paisagem urbana, que para esta delimitavam limites espaciais e temporais, e somadas as cinco categorias propostas por Solà-Morales, o exercício não definia nenhum método específico a ser trilhado pelas equipes. Um dos objetivos da atividade era justamente o de verificar quais os métodos adotados por arquitetos-urbanistas para a leitura e análise da paisagem urbana. Posteriormente, essa informação poderia auxiliar na construção de uma hipótese sobre a afirmação de Secchi (2006) a respeito da ausência de um projeto para a cidade atual.

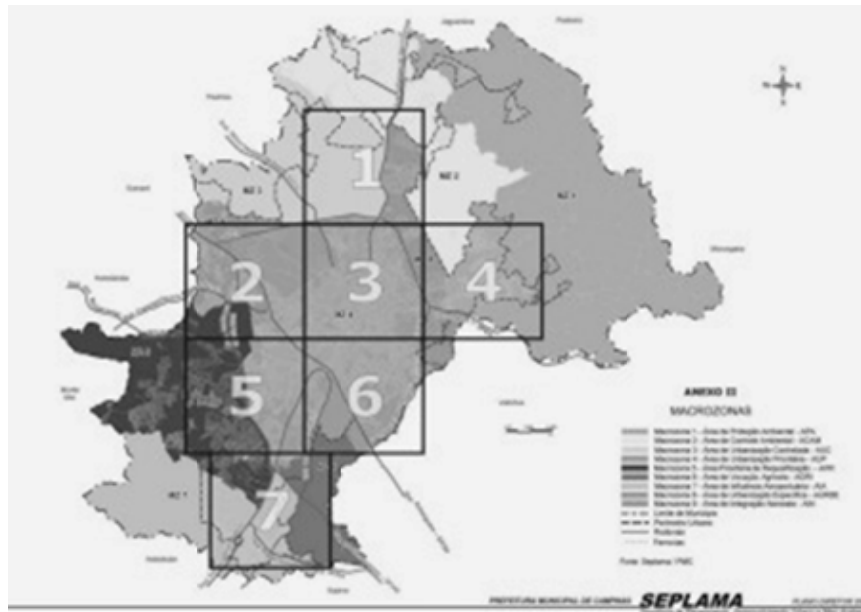


Figura 2. Mapa dos sete “quadrantes” sugeridos para a atividade em grupo. Adaptado sobre o mapa das macrozonas do plano diretor de Campinas, versão 2006.

2.1 As Visões do Presente

Para compor as visões atuais, a maior parte das equipes percorreu métodos conhecidos como: levantamento bibliográfico/iconográfico (secundários) e pesquisa de campo (direto), não muito diferente do escopo delineado pioneiramente por Geddes (1994, p.166), na década de 1930, no qual inclusive salientava a importância de “cartas e planos ilustrados por desenhos, fotografias, gravuras”. Através da avaliação das apresentações, é possível perceber que quatro equipes basearam sua análise da paisagem nas visitas a campo, com grande número de fotos locais. A apresentação de duas das equipes denota uma pesquisa de campo rápida, enquanto que uma delas pode não ter ido a campo, ou simplesmente não registrou. Com relação aos dados secundários, seis das equipes utilizaram amplamente os dados e mapas do Plano Diretor de Campinas, não apenas o de 2006, mas também o plano mais desatualizado, do ano de 1996. Apenas uma das equipes preferiu não utilizar os mapas do plano diretor. Com relação à metodologia de abordagem e análise da paisagem, e aplicação dos conceitos de Solà-Morales, apenas duas equipes a explicitaram. As demais equipes estruturaram sua visão do presente de forma mais livre, alternando entre a clássica exposição localização-caracterização-análise-crítica; nas macrozonas do plano diretor incluídas em seu quadrante; ou nas cinco categorias de Solà-Morales, sendo apresentadas uma por vez.

Com relação à aplicação dos conceitos inerentes às cinco categorias, verificou-se que a maioria das equipes de arquitetos-urbanistas teve dificuldades no reconhecimento deles na paisagem urbana. O termo *terrain vague* foi muitas vezes erroneamente associado a “vazios urbanos”, áreas não urbanizadas por motivos especulativos. Um dos grupos associou áreas residenciais em crise (*habitaciones*) em processo de esvaziamento, como *mutaciones*. Ou ainda *contenedores* com qualquer edifício institucional ou monumental. Há ainda especificidades das cidades de terceiro mundo que talvez desafiem os conceitos criados num ambiente europeu, ainda que postulados para a cidade global. Como exemplo, como entender grandes feiras do mercado informal? *Flujos* ou *contenedores* “informais”? Esses espaços são caracterizados não apenas pelo comércio de mercadorias em ambiente fechado, mas também por tomarem a forma do trajeto de milhares de cidadãos. Ou seja, embora úteis, os conceitos de Solà-Morales, explicitam cinco categorias que não foram facilmente reconhecíveis nas visões atuais obtidas da paisagem urbana de Campinas.

2.2 Quadrantes e Identidade Urbana

Embora a proposta feita para o exercício de divisão da cidade em “quadrantes” contivesse três que não coincidiam com nenhuma macrozona específica do plano diretor, os outros quatro continham uma macrozona predominante em seu interior. Esse arranjo foi construído de forma a verificar se a leitura da paisagem nos quadrantes que continham uma macrozona predominante se mostraria mais coesa do que àquela dos quadrantes que não continham. Através dessa análise, foi possível não apenas perceber se a delimitação das macrozonas é compatível com identidades locais e paisagens específicas, mas também o quanto estas ainda resistem dentro da indiferenciação metropolitana e das interferências pasteurizantes globais, presentes nos próprios conceitos de Solà-Morales. Nesse sentido, o tema da resistência foi, na visão das equipes dos quadrantes 1, e 4, onde se evidenciam duas macrozonas marcadas por forte identidade e paisagem. A macrozona 3, predominante no quadrante 1, corresponde ao distrito de Barão Geraldo a qual pertence a universidade UNICAMP, que ainda funciona como uma mini-cidade dentro de Campinas. Embora o quadrante possuísse trechos das macrozonas 4, 8 e 2, Barão Geraldo se torna a referência central da análise da equipe. O mesmo ocorre com a macrozona 1 dentro do quadrante 4. Representando a APA-Área de Proteção Ambiental do município e os distritos de Sousas e Joaquim Egídio, a análise do quadrante 4 é centrada em uma análise da paisagem do ponto de vista ambiental. A região, antigo reduto de fazendas históricas de café, tem terreno acidentado, na forma de morros, entrecortados pelo rio Atibaia e seu pequeno afluente, o ribeirão das Cabras, o que lhe dá grande valor paisagístico. Toda essa área passa hoje por um processo de crescimento populacional bem acima da média do município e proliferação de loteamentos fechados. A equipe empresta ferramentas do planejamento ambiental (MILLENNIUM ECOSYSTEM ASSESSMENT – MEA, 2003) para tecer a sua leitura (Figura 3). Com relação às categorias de Solà-Morales, a visão atual da equipe desse quadrante organiza a leitura em três delas: fluxos, mutações e habitações. Associam *flujos*, com identidade e desenvolvimento econômico; *mutaciones*, com o planejamento urbano e com a especulação imobiliária; e *habitaciones* com morfologia urbana e estilo de vida, atualmente propagandeado como “saudável” - o que reflete a imagem de qualidade ambiental da área de proteção ambiental que caracteriza e dá forte identidade ao quadrante.

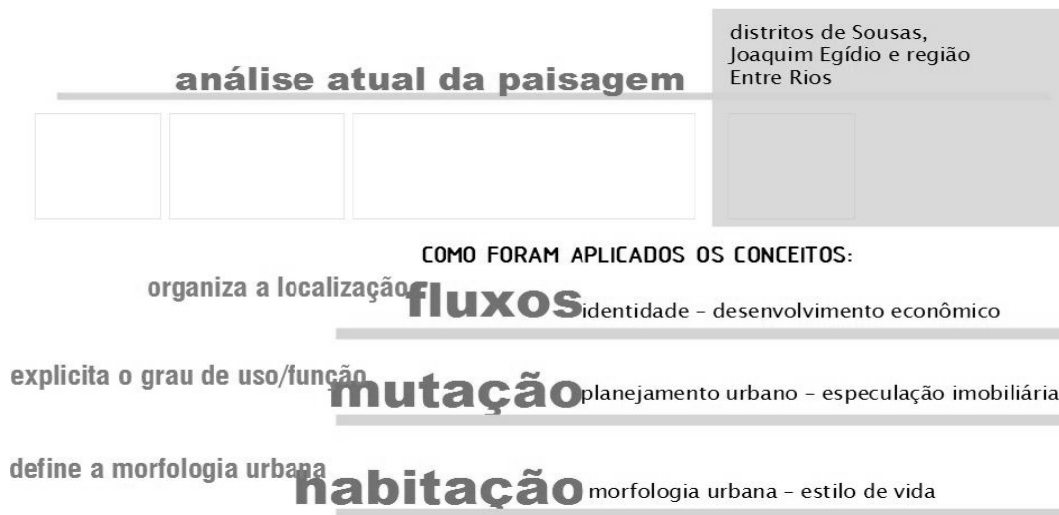


Figura 3. Diretrizes metodológicas de aplicação dos conceitos de Solà-Morales na análise do território e da paisagem pela equipe do quadrante 4

Por outro lado, o quadrante 6, que, assim como o quadrante 3 tinha o predomínio da macrozona de urbanização consolidada 4, enveredou pela paisagem semiurbana e rural mais ao sul, da macrozona 6. O quadrante 6 corresponde também a uma área a sudeste da cidade que faz conurbação com o município vizinho de Valinhos, em que antigas áreas agrícolas se tornam novos loteamentos fechados. Juntamente com os demais quadrantes, surgem análises de paisagens bens mais fragmentadas, e de identidades incertas. Em suma, apenas os quadrantes que envolviam os distritos, com mancha urbana ainda bastante destacada dentro da malha metropolitana e cuja conurbação ainda não ocorreu totalmente, tiveram uma análise de paisagem urbana mais coesa.

2.3 As Visões Prospectivas

Para as visões antecipadas do futuro, o roteiro do exercício propunha que cada equipe desenvolvesse duas linhas temporais até 2050. A primeira refletiria tendências verificadas na primeira análise, a das visões atuais. Sugeriu-se olhar para o quadrante calibrando essas tendências de forma conservadora, sem grandes inflexões. Para a segunda linha, ao contrário, foi sugerido que cada equipe imaginasse pontos de ruptura/inflexões que alterassem tendências atuais. A proposta da criação das duas linhas temporais procurou verificar se os arquitetos-urbanistas são capazes de: a) perceber as tendências implícitas do território urbano, emergindo na paisagem, e projetar seu provável desenvolvimento futuro, e b) imaginar cenários futuros alternativos, a partir das mesmas tendências, mas ao mesmo tempo vislumbrando inflexões a partir de introdução de parâmetros novos ou estranhos a elas. A partir da análise dos painéis também foi possível verificar: a assimilação dos conceitos de Solà-Morales, o método utilizado pelos arquitetos-urbanistas para estruturar as visões, e os instrumentos e técnicas utilizados para mostrá-las. Embora a forma de apresentação das visões prospectivas fosse na forma de um poster em papel, seu tamanho não foi fixado e variou muito de equipe para equipe. O objetivo dessa solicitação foi o de verificar o quanto arquitetos-urbanistas ainda eram capazes de utilizar o espaço de apresentação não-padronizado dos atuais programas de multimídia de apresentação.

As equipes dos primeiros dois quadrantes (1,2) não mencionaram as categorias de Solà-Morales na apresentação de suas visões prospectivas. A equipe do quadrante 1, que encerra

o distrito de Barão Geraldo, não chegou a prever a iminente conurbação que pode alterar de forma radical a paisagem e identidade própria local que foi identificada na visão atual. Sua linha temporal de rupturas imaginava um grande acidente com resíduos tóxicos que contaminava o solo e alterava todas as dinâmicas territoriais. Já a equipe do quadrante 2, uma área da cidade bastante fragmentada e entrecortada por diversas rodovias e trevos, optou por sugerir alguns “grandes projetos”, como a submersão de trechos dessas vias expressas, grandes áreas para “uso misto”, ênfase das habitações de caráter social e construção de “parques temáticos”. A equipe não detalhou a linha temporal que segue as tendências atuais. A equipe do quadrante 3, que trabalhou com a área mais adensada da cidade, que contém inclusive a área central, procurou refletir, dentro das linhas temporais, as categorias de Solà-Morales, mas teve dificuldades em compreender o significado de *contenedores*, que foram confundidos com edifícios históricos e monumentais. Por outro lado, foi o único painel que trouxe perspectivas desenhadas pelos próprios participantes da equipe (Figura 4), representando visões criadas sobre a cidade de Campinas. Algumas delas lembram perspectivas corbusianas do *plano voisin*, mas ainda assim são produzidas de forma a discutir as cinco categorias. A maior parte dos painéis das outras equipes se utiliza de fotografias, imagens, ícones encontrados na *web*, e produziram pouco material visual de autoria.

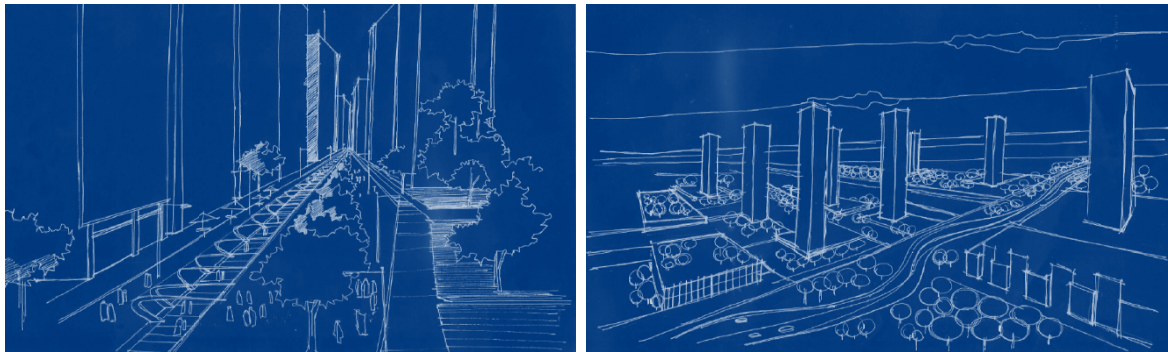


Figura 4. Croquis produzidos pela equipe do quadrante 3, ilustrando a sua visão prospectiva: a) para *mutaciones* e b) para *habitaciones*

As visões prospectivas da equipe do quadrante 4, da área de proteção ambiental de Sousas-Joaquim Egídio, trabalham com todas as cinco categorias de Solà-Morales. Para a visão de futuro 1, baseada na tendência, a equipe dá ênfase a *contenedores* e *terrain-vague*, com o acirramento das forças de mercado sobre áreas rurais cujo extinto ciclo econômico deixou fazendas históricas e obsoletas como legado. Já na visão de futuro 2, a partir de um ponto de ruptura, utiliza-se novamente do tripé *flujos-mutaciones-habitaciones* para imaginar um cenário baseado em três "cidades": a cidade "saudável", de fluxos ecológicos; a cidade "eficiente", de funções ecológicas; e a cidade "planejada", criando mais que habitações, *habitats*. A conjugação dessas três "cidades" é, na opinião da equipe, uma saída viável para a escalada populacional e especulativa do quadrante. (Figura 5)

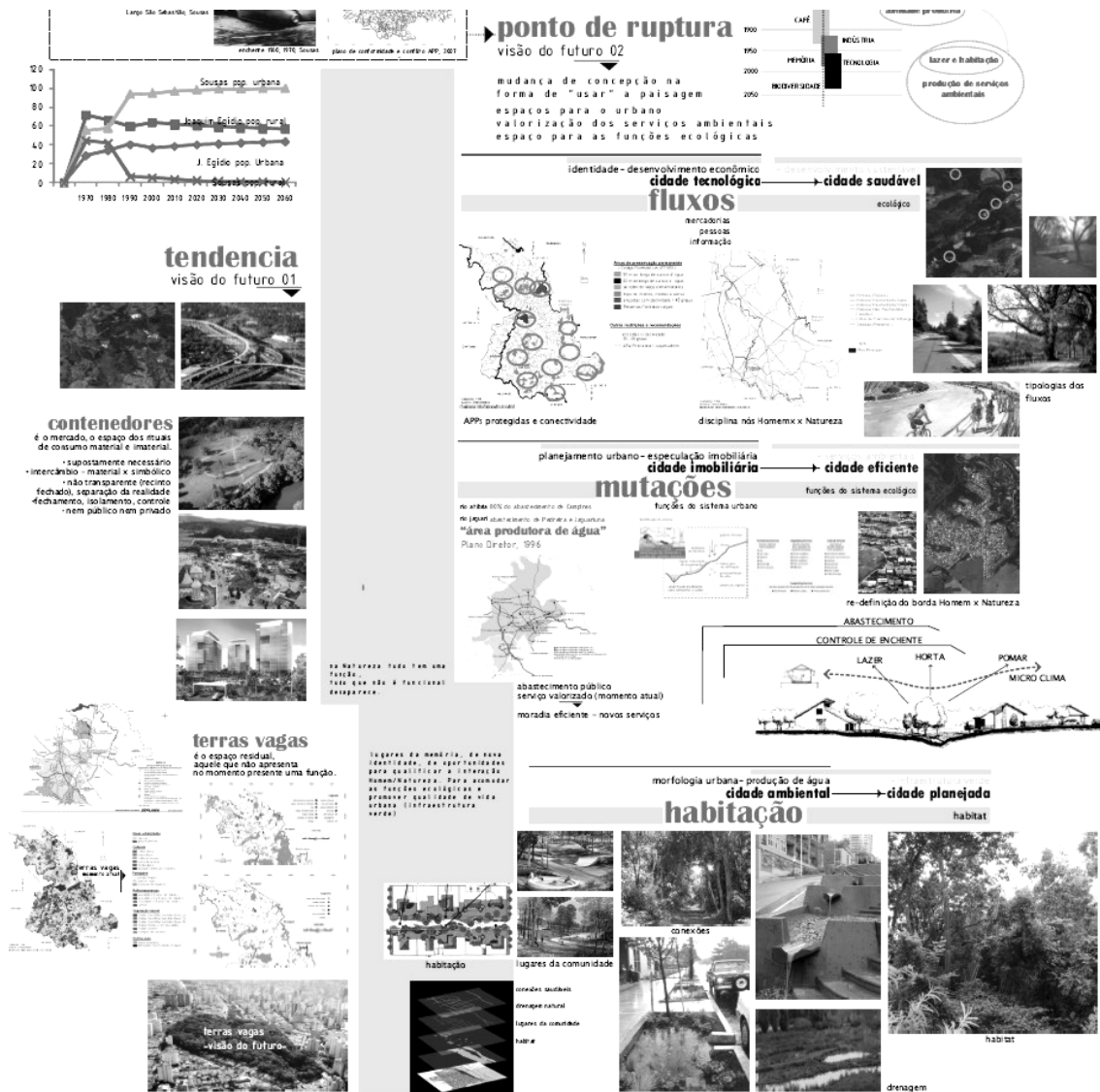


Figura 5. Parte do painel da equipe do quadrante 4, da área de proteção ambiental, com imagens associadas às visões de futuro 01 (tendência) e futuro 02 (ruptura)

A equipe do quadrante 5 teve como desafio a paisagem fragmentada e marcada pela carência estrutural que caracteriza a região sudoeste de Campinas. Desde a implantação da ferrovia em 1875, o eixo sudoeste passou a se desenvolver como vetor de implantação dos bairros operários da cidade. Hoje é uma extensa área urbanizada de forma desigual, com bairros de classe média e de classe baixa, de grande vivacidade, mas de poucos investimentos públicos. A visão de futuro apresentada pela equipe é um mosaico de imagens fragmentadas, desoladas e tipificadas para a tendência, ou progressistas e "sustentáveis" para a ruptura. Não detalham, porém, processos que levariam ao segundo cenário, e utilizam pouco dos conceitos de Solà-Morales para sua construção.

A visão futura da equipe do quadrante 6, que engloba a região sudeste de Campinas e trecho do município de Valinhos, foi representada em um grande painel negro que utilizava muitos conceitos de mídia e imagens tecnológicas. A visão contrasta com a análise da paisagem atual do quadrante feita pela equipe, como um dos territórios de dinâmica mais lenta da metrópole, embora apontasse também a existência de uma mutação silenciosa. A população e as propriedades rurais vão se esvaziando e cedendo lugar a loteamentos fechados e empreendimentos imobiliários. O painel da visão futura apóia-se na categoria

fluxos, através da estruturação de três redes: tecnológica, social-midiática, e agro-ambiental, organizadas através de seus fixos e fluxos. Um sistema interativo de marcos instalados junto aos fixos dariam suporte a uma "governança em tempo real", como defendido pela equipe. (Figura 6)

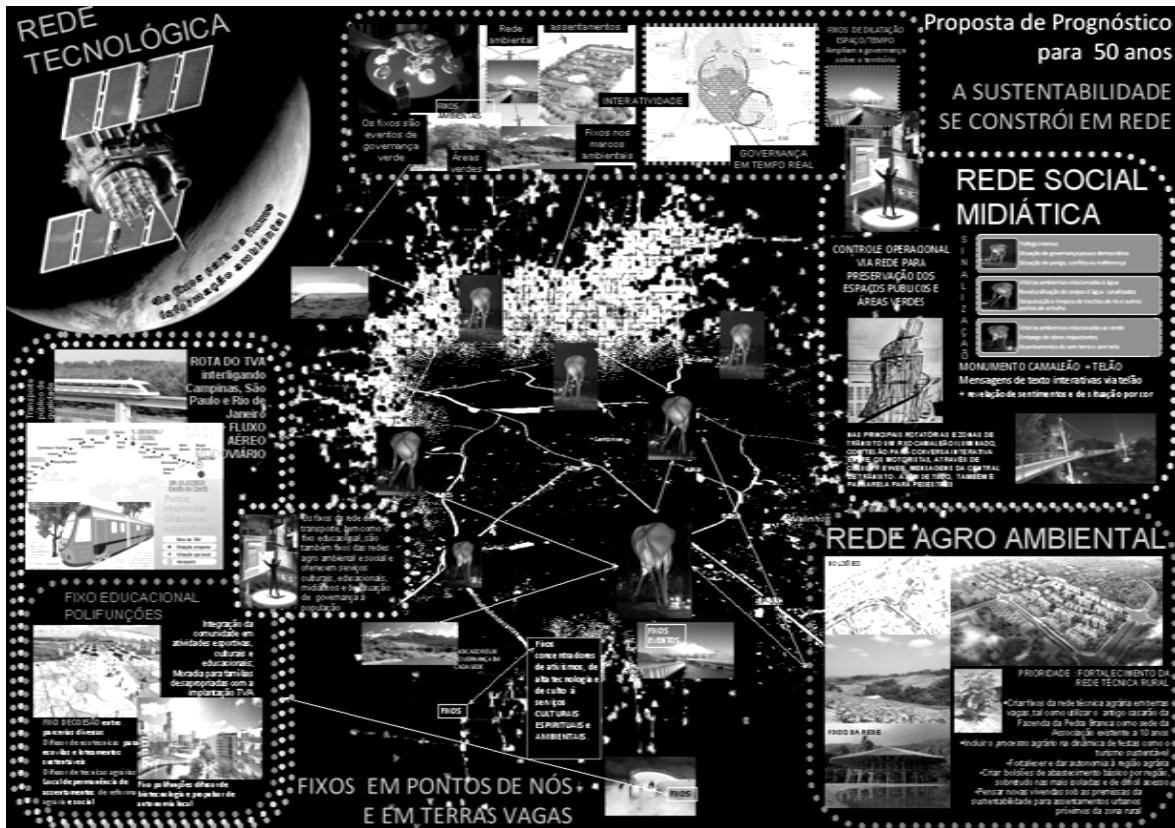


Figura 6. Painel de visão de futuro da equipe do quadrante 6, com a proposta de três redes de fixos e fluxos estruturando o território e a paisagem

Na última das visões prospectivas, a da equipe do quadrante 7, as categorias de Solà-Morales são utilizadas de forma bem marcada através de uma linha temporal estruturada como um esquema ramificado (Figura 7). A área do quadrante 7 corresponde ao local de implantação do grande complexo aeroportuário de Viracopos, que está sendo projetado como um dos maiores do Brasil. O enorme impacto dessa *mutacion* foi identificado pela visão atual apresentada pelo grupo, e, portanto, sua efetiva implantação passa a ser o primeiro ponto de inflexão na sua visão de futuro. A visão 1, da tendência, avança além do horizonte de 2050, e arrisca prever uma gigantesca *terrain-vague* para 2090, quando então a atual tecnologia da aviação estaria obsoleta. A visão 2, da ruptura, seria a decisão pela não-implantação do grande aeroporto em Campinas, e alteração do percurso do também previsto trem de alta velocidade, preservando a atual zona rural e remanescentes de vegetação de cerrado. O painel adota uma linguagem objetiva, sem a profusão de imagens dos quadrantes 4 e 6, mas cria ícones para cada uma das categorias de Solà-Morales, para marcar com elas eventos significativos na paisagem do quadrante ao longo da linha temporal.

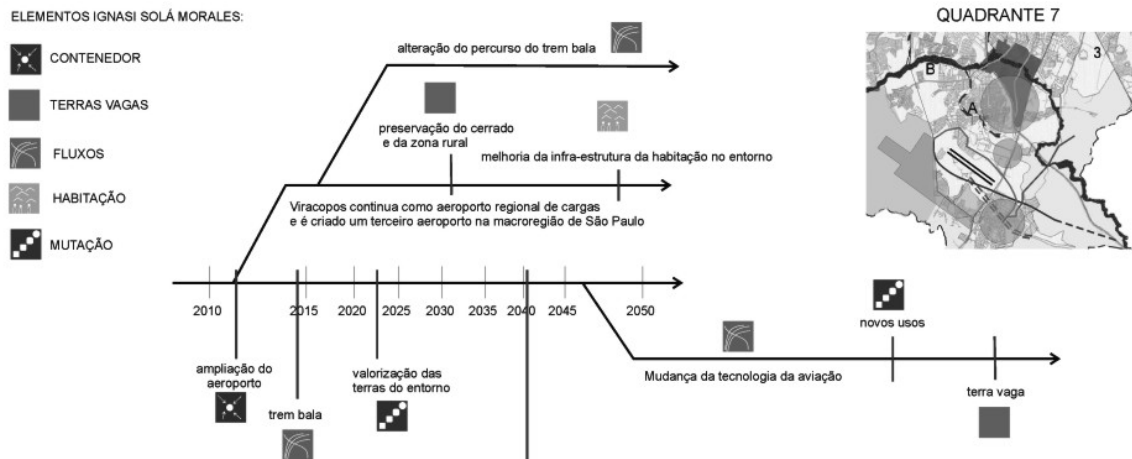


Figura 7. Painel de visão prospectiva da equipe do quadrante 7, trabalhando com tendências e rupturas relacionadas com a implantação de um grande complexo aeroviário

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As categorias de Solà-Morales se mostraram um desafio bem maior para a análise e prospecção da paisagem urbana, em relação, por exemplo, aos cinco elementos de Kevin Lynch. *Habitaciones*, *mutaciones* e *contenedores* são, a princípio, mais fáceis de compreender e identificar, mas a novidade dos conceitos ficou evidente nos trabalhos das equipes, que fizeram confusões e associações com elementos errados. *Terrain vague* e *flujos* as categorias mais imateriais foram, ao contrário das expectativas, muito melhor compreendidas e mais rapidamente assimiladas. É possível que a atual virtualidade da era da informação tenha facilitado essa familiaridade, permitindo que as equipes de arquitetos-urbanistas tenham conseguido, paradoxalmente, transformar essas categorias intangíveis em visões. Por outro lado, embora tenham conseguido, de forma geral, incorporar os conceitos das cinco categorias em suas análises e cenários futuros, foi observado que os arquitetos-urbanistas não se guiam por nenhum processo metodológico específico ao fazer a leitura e análise do território e da paisagem. Tendem a utilizar as fases clássicas de levantamento-diagnóstico-plano, mas apresentam grandes variações no delineamento de seus processos de pesquisa, às vezes tendendo a ir depressa para o plano, ou proposta. Um dos desafios deste exercício foi o de segura-los, no sentido de que não seria feito nenhum "plano", ou "proposta". A diferença é que uma "visão", não é uma "proposta". Proposta é uma visão que foi escolhida pelo arquiteto. Ao se falar no ambiente urbano, o espaço em constante construção da cidade, não é o arquiteto-urbanista que deve fazer a escolha, mas sim os cidadãos em processos participativos. Por outro lado, é possível que a variedade de abordagens metodológicas obtido já seja uma especificidade metodológica de arquitetos-urbanistas.

O resultado obtido, tanto a partir da análise das visões atuais como das visões prospectivas de futuro, aproxima-se muito da recomendação de Bonnes e Bonaiuto (1991, p. 188) de que os profissionais deveriam procurar abordagens mais holísticas ao invés de se concentrar em aspectos específicos da paisagem. A interação entre opiniões de moradores e dos profissionais em termos desses aspectos foi quase nula. As equipes de arquitetos-urbanistas, de forma geral, conseguiram fazer uma abordagem holística o suficiente de seus quadrantes, explorando uma grande variedade de aspectos de sua paisagem. É claro que, tendo como objetivo a utilização de análises da paisagem para a realização de um projeto de cidade sustentável, as visões atuais e prospectivas dos arquitetos-urbanistas deverão ser

inseridas em processos participativos. Com relação a esse tema (projeto prospectivo e participativo), Sanoff (1992, p.79) sugere que a tarefa do arquiteto não é mais produzir soluções terminadas e inalteráveis, mas sim extrair soluções de um diálogo contínuo com os beneficiários do seu trabalho. Toda a sua energia e imaginação serão completamente direcionadas para elevar o nível de consciência dos clientes/usuários na discussão, e a solução sairá dessas trocas entre arquitetos-urbanistas e usuários. Nesse sentido, a paisagem urbana como estratégia de governança de cidades sustentáveis passa por um projeto, prospectivo e participativo, que traduza as dinâmicas do território, visíveis na paisagem em linhas temporais alternativas. Cabe então aos cidadãos, e às suas instituições públicas e privadas, levar a cabo o seu projeto. O mais importante é que façam isso com mais consciência, e é nesse sentido que se tornam tão úteis as visões prospectivas elaboradas pelos arquitetos-urbanistas, que também devem ser aperfeiçoadas para refletir com mais clareza, com mais abrangência, e com mais profundidade, as alternativas futuras da confecção do território.

4 REFERÊNCIAS

Arantes, O. (2001) **Urbanismo em fim de linha**. Edusp, São Paulo.

Bonnes, M.; Bonaiuto, M. (1991) **M.A.B. Italia Project 11: III.9 - "Subjective" and "Objective" evaluations of the quality of urban environment: some comparative results**. Università degli Studi di Roma "La Sapienza", Roma. p. 177-191.

Calvino, Ítalo. (1990) **As cidades invisíveis**. tradução: diogo mainardi. Companhia das letras, São Paulo.

Instituto São Paulo Sustentável – ISPS. (2010). Rede Social Brasileira por Cidades Justas e Sustentáveis. disponível em <http://www.nossasaopaulo.org.br/portal/cidades>.

Lamas, J. (2007) **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

Laurie, M. (1997) Landscape architecture and the changing city. in: G. Thompson e F. Steiner (eds.). **Ecological design and planning**. John wiley & sons, New York. cap.5. p. 155-166.

Magnoli, M. (2006) Ambiente, espaço, paisagem. **Paisagem & ambiente**, n. 21, p. 239-244.

Mccann, E. (2001) Collaborative visioning or urban planning as therapy? the politics of public-privacy policy making. **Professional geographer**, v. 53, n. 2, p. 207-218.

Ndubisi, F. (1997) Landscape ecological planning. in: G. Thompson e F. Steiner (eds.). **Ecological design and planning**. John wiley & sons, New York.

Rowe, C.; Koetter, F. (1981) **Ciudad collage**. Gustavo Gili, Barcelona.

Rossi, A. (1986) **La arquitectura de la ciudad**. Gustavo Gili, Barcelona.



Sanoff, H. (1992) **Integrating programming, evaluation and participation in design: a theory z approach.** Ashgate Publishing, Brookfield, VT.

Santos, M. (1996) **A natureza do espaço: técnica e tempo / razão e emoção.** Hucitec, São Paulo.

Sassen, S. (2001) **The global city: new york, london, tokyo.** Princeton university press, Princeton, NJ.

Secchi, B. (2006) **Primeira lição de urbanismo.** Perspectiva, São Paulo.

Shiple, R.; Newkirk, R. (1988) Visioning: did anybody see where it came from? **Journal of planning literature**, v. 12, n. 4, p. 407-416.

Shiple, R. (2002) Visioning in planning: is the practice based on sound theory?, **Environment and planning**, v. 34, n. 1, p. 7-22.

Solà-Morales, I. (2002) **Territorios.** Gustavo Gili, Barcelona.

Venturi, R. (1988) **Complexity and contradiction in architecture.** The museum of modern art, New York.